

Este lixo não me pertence! Relato e discussão de um caso de violência interétnica

This garbage does not belong to me!
Presentation and discussion of a case of inter-ethnic violence

Volmir Rabaioli Rabaioli*

Leosmar Antonio**

Josemar de Campos Maciel***

Resumo: O trabalho que segue almeja documentar um caso de violência interétnica em andamento, na relação entre uma prefeitura, órgão de representação com atribuições de assistência aos seus cidadãos, e uma territorialidade indígena. Trata-se de um caso de violência interétnica, porque perpetrada por autoridades públicas contra uma população de indígenas. Trata-se ainda de violência simbólica, por ostentar uma situação na qual a população que devia ser alvo de interlocução e cuidados, é tratada como invisível. São apresentadas e comentadas, com base na teoria decolonial, imagens e depoimentos da população em questão acerca dos resíduos de cidade vizinha, sistematicamente depositados em seu terreno, sem aviso, negociação ou tratamento. É preservada a anonimidade de autoridades e da população, revelando apenas a etnia Terena.

Palavras-chave: descolonização; resíduos; comunidade/nação Terena.

Abstract: This paper aims to document a case of inter-ethnic violence in progress, involving a municipality, officially in the position of a representative body with responsibilities for assistance to their citizens, and an indigenous territoriality, a group which affirms itself as ethnically distinct. A situation is presented and interpreted like an event of interethnic and symbolic violence: the population that should be subject for dialogue and care, instead is handled as invisible. One discusses, based on decolonial theory, images and testimonials given by people concerned in the situation of disposal of the waste from the nearby town, systematically deposited on their land without notices, negotiations or treatment. One preserves the anonymity of authorities and the population involved, revealing only that one deals with a Terena community.

Key words: decolonial thought; waste; Terena community/nation.

* Graduação em Administração pela Faculdade de Itapiranga. Mestrado em Desenvolvimento Local. Doutorado em andamento em Ciências Ambientais e Sustentabilidade Agropecuária (UCDB). Atualmente docente e Coordenador do Curso Superior de Tecnologia em Logística do Centro Universitário Anhanguera – Unidade II de Campo Grande, MS. E-mail: rabaiole@hotmail.com

** Graduação em Biologia (UEMS); Mestrado em Desenvolvimento Local (UCDB). Atualmente é docente da UFMS, no Curso Licenciatura Intercultural Indígena “Povos do Pantanal”, Assessor Regional do Núcleo Cerrado/Pantanal do Projeto Gestão Ambiental e Territorial Indígena. E-mail: leosmarantonio@yahoo.com.br

*** Graduação em Filosofia (FUCMT); Mestrado (UCDB) e Doutorado (PUC-Campinas) em Psicologia. Pós-doutorado em andamento (USP-EACH) em Estudos Culturais. Atualmente docente do curso de graduação em Filosofia (UCDB), do Mestrado em Desenvolvimento Local (UCDB) e no Programa Erasmus Mundus (UCDB; KULeuven; Universidade de Pádua; Paris-Panthéon-Sorbonne I). E-mail: maciel50334@yahoo.com.br

1 Introdução

O povo Terena corresponde ao grupo que vive nas regiões mais meridionais da ocupação da família Aruak no Brasil. Atualmente, estão distribuídos na região dos rios Aquidauana, Miranda, afluentes do Rio Paraguai e em diversos outros municípios de Mato Grosso do Sul.

O último levantamento divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, em 2010 coloca-os entre as etnias mais populosas do país, com o contingente populacional Terena de 28.845 indivíduos (IBGE, 2010). Atualmente, esse povo se encontra distribuído entre os estados de São Paulo, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

Ainda de acordo com o IBGE (2010), o município de Miranda detém a terceira maior população indígena do Estado de Mato Grosso do Sul, aproximadamente 6.476 indígenas.

A história do povo Terena divide-se em três etapas (BITTENCOURT; LADEIRA, 2000, p. 24-26). A primeira, o Tempo Antigo, que corresponde à saída do Êxiva, quando transpuseram o rio Paraguai e instalaram-se no atual estado de Mato Grosso do Sul.

Em seguida, vem a Guerra do Paraguai, lembrada como talvez o momento mais significativo para a vida dos Terena (1864-1870). Os Terenas e os Guaicurús foram aliados dos brasileiros na luta para preservar seus territórios. Porém esse momento significou a maior perda de suas terras tradicionais, afetando profundamente o modo de vida desse povo.

A terceira etapa e atual momento correspondem ao Pós-Guerra ou Tempo de Servidão. O que marca esse período é a busca pela autonomia, a reconquista dos territórios tradicionais do povo Terena. Este momento está sendo vivido com maior aproximação da sociedade não indígena, submetidos à imposição de hábitos dos *purutuyes*.

O descompasso entre o crescimento demográfico Terena e a perda de suas terras tradicionais levaram às pressões cada vez mais intensas sobre os recursos naturais, impondo dia após dia, maiores dificuldades para as práticas tradicionais agrícolas desse povo. Sem condições de auferir da terra a produção mínima para sua subsistência, eles são obrigados a viver na dependência cada vez maior de produtos industrializados e de programas sociais de segurança alimentar.

A situação agrava-se porque o consumismo espalha-se em ritmo cada vez mais crescente nessas comunidades, desencadeando o acúmulo de resíduos sólidos que, aliado à inexistência do serviço de coleta de lixo, agrava

as condições ambientais nessas comunidades, em relação à sua capacidade de suporte.

2 Caracterização da Terra Indígena

Intermediado por Cândido Mariano da Silva Rondon, a Aldeia foi demarcada, em 1905, em 2.260 hectares e, mais tarde, em 1911, foi reconhecida pelo Serviço de Proteção ao Índio. Contudo só foi expedido o Título Definitivo pelo Governo de Mato Grosso em 1965, quando foi criada oficialmente a Reserva Indígena Cachoeirinha.

Essa área geográfica, segundo o Instituto Socioambiental (ISA, 2010), possui 36.263 hectares e uma população de 4.920 pessoas. Essa Terra Indígena contém seis aldeias, sendo uma em processo de reconhecimento. Embora essas unidades sociológicas tenham suas organizações geopolíticas independentes, cada uma delas com um Cacique, elas mantêm fortes relações de parentescos e de solidariedade.

Essa comunidade está cercada por fazendas destinadas à produção de bens oriunda do agronegócio, promovendo problemas ambientais de diversas ordens que têm afetado diretamente o modo de vida desse povo.

O povo Terena possui formas de organizações peculiares, facilmente detectáveis, sendo tradicionalmente agricultores e detentores de técnicas de tecelagem e cerâmica. A Terra Indígena em estudo tem-se destacado na confecção das cerâmicas Terenas e possui grupos de mulheres com conhecimentos específicos nessa área, inclusive associação das mulheres ceramistas, que atualmente estão se deslocando para outras áreas indígenas para dar cursos de produção de cerâmicas para outras mulheres da etnia.

Essa comunidade possui duas escolas, sendo uma municipal com cinco extensões que atende da pré-escola ao ensino fundamental completo, e outra que oferta as três séries do ensino médio. Contudo o número de jovens concluintes que migram para as áreas urbanas e vão para as usinas de álcool do estado é cada vez maior e preocupante, pois partem em busca de trabalho e melhores condições de vida, visto que, nessas aldeias assim como em várias outras, a prática da agricultura é cada vez menor. Esse fato decorre principalmente da influência do confinamento em terras diminutas e improdutivas e do crescente índice demográfico.

2 Por que estudar resíduos?

As mudanças estruturais do trabalho, da economia e da política ocorridas ao longo da história da humanidade afetaram diretamente as formas de pensar, agir e ser das pessoas. A diversidade cultural e as características étnicas dos povos tendem a padronizar-se sob a ótica de uma forma única de hábitos, comportamento e estilo de vida. A configuração de um modelo produtivo sistêmico que se estrutura a partir da produção em massa, argumentando que isso ocasiona a diminuição da pobreza e da desigualdade social, transformou, de fato, as sociedades em escravas dessa ideologia ocidental que se apropria não somente da força de trabalho, mas também das mentes e das vidas das pessoas (ESCOBAR, 2007).

Alienadas de si mesmas e submissas ao discurso subalternizante da modernidade, as pessoas tornam-se vítimas dessa fábrica de necessidades e desejos oriunda do expansionismo econômico e comercial em prol da sustentabilidade econômica. Em todas as partes, em princípio sem distinção de particularidades entre formas de ser, de viver e de consumir, são criados diversos atributos indutores de consumo, sem que supostos clientes percebam a real necessidade de compra dos produtos. Para Elizalde (2000), as pessoas estão cada vez mais dementes ao consumismo descontrolado imposto pelo sistema, o qual não se preocupa com as questões ambientais e com o destino dos resíduos após o uso do produto.

Nessa mesma corrente das mudanças, os povos indígenas foram afetados e passaram a viver sob a influência do estilo de vida dos não índios. Esse assunto é pouco documentado, razão pela qual muitos dados do presente artigo são reflexões oriundas da memória de participantes e de lideranças (um dos autores do presente texto é Terena e documenta em primeira pessoa as observações aqui inseridas).

O aumento populacional aliado às limitações geográficas de suas terras são fatores que dificultam a sua sobrevivência, pois seus métodos produtivos tradicionais já não produzem o suficiente para suprir a demanda de alimentos de sua gente. Gradativamente, eles foram forçados a buscar produtos fora de seu território, e, aos poucos, a influência das civilizações não índias modificou seus hábitos alimentares e de consumo. Inerente a esse processo, após o consumo dos alimentos e produtos industrializados, passaram a conviver com diversas alterações na forma de gerir os resíduos.

Em áreas urbanas ou em comunidades não tradicionais, já acontece de haver problemas de coleta e de destinação do lixo. Nessas comunidades, a situação agrava-se. Nas aldeias, não há coleta nem destinação, em absoluto,

o que torna a situação insustentável, pois é deixado ao encargo da natureza para que esta o absorva e conseqüentemente assuma os prejuízos causados. Em outras palavras, inexistente uma consciência sobre o consumo de produtos industrializados e de novas formas de substâncias, como embalagens e sacos de plástico; substâncias químicas e outros fatores diversos, o que modificou fortemente as necessidades de manejo de resíduos. A falta de coleta de lixo nas aldeias agrava ainda mais as precárias condições de vida dessas pessoas, que não recebem a atenção necessária, tampouco são tratadas conforme o princípio de igualdade assegurado pela Constituição Federal.

A necessidade de comprar os alimentos que não mais conseguem produzir cria um vínculo inevitável com o lixo, uma vez que não podem levar os produtos para suas casas sem a utilização de embalagens ou recipientes (vidro; embalagens TetraPak; papelão; plástico, e assim por diante). O sentimento expresso entre os Terenas é de “não pertencimento” desse lixo, ou seja, trata-se de um elemento estranho, não assimilado à rotina e aos hábitos da comunidade. Sua intenção é sanar suas necessidades básicas de alimentação, e não comprar lixo.

Notam-se, nesse trabalho, sucessivas penalizações aos povos indígenas. Primeiramente perderam suas terras e, devido à falta de alimentos, recorrem aos centros urbanos e comerciais e passam a assumir um resíduo numa venda casada com os produtos, haja vista que não é esta a intenção deles. Além disso, são obrigados a conviver com um “lixão municipal” localizado próximo da comunidade, assumindo mais uma vez algo que lhe é imposto.

Não somente as autoridades têm a responsabilidade da destinação correta do lixo. As ações produtivas das indústrias modificaram as relações entre os seres humanos entre si e entre estes e o meio ambiente. Políticas sobre gestão ambiental ganham força e, aos poucos, são incorporadas pelos clientes que reconhecem a importância das empresas produtoras que respeitam o meio ambiente e estão preocupadas com as questões ambientais e a destinação de seus produtos após sua vida útil (SOMMER, 2011). Com isso, os resíduos gerados após a venda ou consumo do produto fazem o caminho inverso dos produtos com a coleta e reaproveitamento, inserindo-os novamente na cadeia produtiva, seja na mesma linha produtiva ou em produtos alternativos.

4 Uma nota a partir do pensamento descolonial

A ideia de raça é o mais eficaz instrumento de dominação social dos últimos 500 anos na história da humanidade. Surgiu no início da formação da América e do capitalismo, na passagem do século XV para o século XVI,

sendo imposta posteriormente a toda a população do planeta pela dominação colonial europeia. Estabelece uma ideia de diferenças de natureza biológicas entre a população mundial em relação à capacidade de desenvolvimento cultural, mental entre outros. É uma denominação utilizada como critério de classificação social da população mundial distribuída em novas identidades sociais e geoculturais do mundo (QUIJANO, 2000).

De um lado, classifica como índio, negro, asiático, branco e mestiço. Por outro, em América, África, Ásia, Europa e Oceania. A partir de então, criou-se o eurocentrismo do poder mundial do capitalismo e a distribuição do trabalho entre centros e periferias. Baseada nessa classificação de sociedades configura-se uma estrutura de poder na formação das nações e Estados modernos entre colonizadores e colonizados (QUIJANO, 2000).

Em relação a este poder hegemônico ocidental, Walsh (2008) menciona que historicamente os povos indígenas e de descendência africana estão no imaginário de controle étnico racial e colonial como subalternos e capazes de se conformar às normas e privilégios da cidadania. Esta colonialidade se estende ao campo do ser desumanizado e a não existência de alguns grupos étnicos, posicionando o eurocentrismo e o ocidentalismo como modelos únicos do conhecimento.

Quijano (2000) observa que o racismo não é a única modalidade de expressão ou formatação da colonialidade do poder, mas, sem dúvida, é uma das mais perceptíveis e o principal motivo de conflitos entre os homens. Com a derrota dos países do eixo nazista na segunda guerra mundial no início do século XX, seu projeto de ideologia formal e explícita foi deslegitimado para grande parte da população mundial.

Soler (2009) assinala que, desde o final da década de 1960, importantes mudanças ocorreram nos cenários sociais, econômicos, ambientais e culturais de todo o planeta. Baseado em Castro-Gómez e Grosfoguel Grosfoguel (2006) e Quijano (2007), o autor relata que o socialismo, que aparecia desde a Segunda Guerra Mundial como uma força de mudança, ou como uma alternativa, inicia um processo de desmobilização, e o mundo assiste ao crescimento e expansão de um projeto de globalização neoliberal que avança nas relações mercantis e configura o sistema capitalista com somente um padrão do poder mundial.

Com a desintegração da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas no final da década de 1980, inicia-se um processo de reconfiguração de caráter antirrevolucionário sob a hegemonia americana que enfraqueceu os movimentos e organizações sociais. Surge um novo processo histórico que equivale à revolução industrial burguesa, porém com outras formas de dominação e

discriminação, mas com a mesma brutalidade e violência que leva à destruição das condições de vida do planeta, à polarização social extrema e à extinção de muitas pessoas pela fome (QUIJANO, 2000).

Quijano (2000) aponta ainda que o capitalismo colonial moderno produziu um desenvolvimento científico e tecnológico que obtém o maior proveito possível da inteligência humana, seja individual ou associado, com produção material e imaterial sem limites em escala mundial. Seu objetivo é a acumulação financeira, pois não produz mais emprego nem renda, salvo “precarizado ou flexibilizado”, tampouco serviços públicos ou direitos de liberdade.

A escravidão e servidão estão em plena re-expansão, com sua perversa ética social a serviço do capitalismo. Os desejos e necessidades de poder e lucro são cada vez mais perversos, concentrando todos os recursos para esse fim. Com isso, além do planeta, o homem está matando a si mesmo, afirmando a ideia de que atualmente este sistema é o maior perigo global.

Cabe saber se, e até que ponto, a tecnologia permite produzir tudo o que a população mundial necessita sem recorrer à dominação, exploração, discriminação e violência. Essa forma moderna do capitalismo colonial é avaliada como perigosa e inútil, e sua superação ou ao menos seu desuso é uma necessidade. No entanto um novo cenário com perspectivas de conflitos profundos está configurado. Além do imperialismo unipolar americano, surge outro multipolar formado pela União Europeia, China, Brasil, Índia e Rússia - que não parece apresentar-se como menos brutal ou violento. A resistência ao sistema passa a ser compartilhada pela alternativa, sendo a América Latina o centro dessa nova etapa do movimento mundial da sociedade contra o capitalismo (QUIJANO, 2000).

Atualmente, a luta dos dominados e explorados do mundo industrial urbano soma-se aos indígenas, que são os mais afetados pela colonialidade do poder global, em defesa de seus recursos de sobrevivência, ou seja, os “recursos naturais” maldosamente denominados pela perspectiva eurocêntrica de “exploração da natureza”. Não somente os indígenas, mas de modo consciente todos os setores da população mundial estão descobrindo que os recursos de sobrevivência dos indígenas são os mesmos recursos de sobrevivência do planeta e de todos os povos.

Está emergindo uma coalizão social iniciando um processo de descolonialização desta existência social e a emancipação frente ao eurocentrismo, o qual produz subjetividades no imaginário social, memória histórica e conhecimento de maneira distorcida a partir da violência, o instrumento mais eficaz que o capitalismo colonial moderno possui para manter as sociedades dentro do poder hegemônico (QUIJANO, 2000).

Nesse sentido, Mignolo (2005) enfatiza que a expansão colonial não foi somente econômica e religiosa, mas também, sobretudo, educativa e intelectual. Primeiramente, as teorias implantadas nas áreas colonizadas eram produzidas na Europa, depois nos Estados Unidos. Os conhecimentos produzidos nas colônias, quando interessantes, serviam como objeto de estudo para compreender as formas locais de vida, mas não sendo considerados a sério, ou seja, como parte dos saberes universais produzidos pela humanidade.

Quijano (2000) descreve que esse movimento de libertação colonial resulta em uma organização com formas próprias de existência social livre da dominação e discriminação de raça, etnia e sexo. Produz novos formatos de comunidades, liberdade e autonomia do indivíduo que expressa a diversidade social solidária, decidindo democraticamente quais recursos e níveis de tecnologia devem ser utilizados na distribuição do trabalho, produtos e serviços, estruturados numa ética social alternativa ao mercado e ao lucro colonial capitalista.

Como observado, há uma tendência entre autores do pensamento dito descolonial a caracterizar a relação entre os países do centro e os da periferia, ou entre os autores dos processos de colonização e os seus subalternos, como um processo de invisibilidade negociada. Os agentes da colonização são também agentes de designação, de posicionamento dos outros agentes ao seu redor. É simbólica a situação examinada, em que o lixo do “centro” (cidade) não é visto, notado nem representado, em nenhum momento como sujeira ou ameaça. A questão não é posta, porque, para os agentes territoriais que depositam o lixo na terra indígena, aquela terra não interessa, ou não é visível.

5 Geração e caracterização do resíduo sólido

As transformações das sociedades são cada vez mais constantes e profundas, modificam conceitos, hábitos e costumes, impõem dinâmicas que dificultam a adaptação à nova realidade. As mudanças ocorrem na economia, interferem na estrutura do trabalho, nas relações sociais e novos hábitos de vida das sociedades que interagem diretamente com o meio ambiente (BAUMAN, 2003).

Os avanços tecnológicos possibilitam o desenvolvimento de novos métodos produtivos e conseqüentemente novos produtos, criando necessidades de consumo até então inexistentes. Contudo o consumismo está diretamente relacionado com a capacidade de produzir e oferecer esses produtos, e com a necessidade de descartar rapidamente o que é introduzido na sociedade,

haja vista que outros produtos substitutivos com mais atributos necessitam de espaço no mercado (ELIZALDE, 2000).

Essa mentalidade capitalista ao longo da história não deu a atenção necessária ao descarte de produtos que perdem sua utilidade e aos resíduos gerados nesse processo evolutivo. A qualidade de vida das sociedades, na visão capitalista, não é medida na observância dos aspectos sociais, culturais e ambientais, tampouco nas consequências às vidas das pessoas e do planeta e no uso racional dos recursos naturais.

Os novos sistemas produtivos com base na industrialização modificam as características demográficas, transformando as sociedades tradicionais em sociedades de base industrial. Esse processo de urbanização agrupa as pessoas em torno das unidades fabris, rompendo os vínculos sociais e culturais de base camponesa criando centros urbanos. Com o crescimento desordenado das cidades e o aumento do consumo de produtos industrializados, a geração de resíduos *per capita* toma maiores proporções, resultando em mais resíduo doméstico e público (MANSUR, 2004).

Quanto ao consumismo, Albuquerque e Strauch (2008) ressaltam uma grande diferença entre a sociedade medieval e a atualidade. A abertura das economias, o surgimento das tecnologias, a produção em escala, transporte e a comunicação de massa globalizaram as marcas e os mercados. Para atrair os clientes, muitos atributos visuais de diferenciação foram criados, a utilização de embalagens aumentou muito, bem como diversas formas de divulgação e propaganda, além do transporte desses produtos com distâncias maiores que geram lixo e poluentes que impactam no meio ambiente. Os autores ainda citam que a composição do lixo na sociedade medieval era muito diferente da sociedade atual, inclusive quanto às formas de os gerir.

Garbossa (2010) destaca que, até o surgimento das primeiras indústrias, em meados do século XVIII, o lixo era composto por sobras de alimentos produzidos em pequenas escalas. Com o surgimento da atividade agrícola, produziram-se ferramentas e armas e, conseqüentemente, resíduos, gerados pelos novos processos de produção e pelo descarte dos objetos após a utilização. Como as matérias-primas utilizadas na produção desses produtos eram naturais e em pequeno volume, a própria natureza se encarregava da sua absorção, e não geravam grandes impactos ambientais.

A palavra lixo tem sua origem do latim *lix*, que significa cinza. Mas não no sentido de objetos caoticamente descartados, ou de resultado em massa de combustão industrial, como se tem hoje em dia. Muito mais, a palavra refere-se originalmente a coisa raspada, literalmente lixada. Daí inclusive surgiu a expressão “lixívia” (cf. o Lewis and Short Latin Dictionary).

Houve períodos da sociedade nos quais as cinzas geradas nas cozinhas eram o maior gerador de lixo. Para remover as sujeiras deixadas nos fornos e fogões gerados pelos restos da lenha carbonizada, utilizava-se a lixa, e o lixo literalmente, seriam as sobras (GARBOSSA 2010). Esse significado é muito mais complexo que, por exemplo, o dado por um dicionário atual, o dicionário Houaiss (2010), que refere que lixo significa objeto sem valor ou utilidade, ou resto de trabalhos domésticos ou industriais que se deitam fora.

Nota-se, portanto que os resíduos fazem parte dos sistemas produtivos e econômicos, quando parte do material ou energia utilizada é desperdiçada. Com o incremento da industrialização, a geração de resíduos aumentou significativamente, e a natureza não absorve mais por si só essa grande quantidade, haja vista que as matérias-primas utilizadas na produção e conseqüentemente na composição desses resíduos deixaram de ser exclusivamente orgânicas, dificultando progressivamente a reciclagem natural realizada pela própria natureza.

Sommer (2011) aponta a questão do lixo como um dos principais problemas ambientais, especialmente no ambiente urbano. Destaca que os gestores públicos e a própria sociedade tem um enorme desafio de gerenciamento dos resíduos, especialmente os domésticos, inclusive no sentido de evitar a sua produção.

O mesmo autor (SOMMER, 2011) observa que a vida é produzida nas relações dos indivíduos com o meio físico, social e cultural. A qualidade de vida está relacionada à qualidade do ar que se respira, ao uso consciente do solo e da água e ao respeito a todas as formas de vidas existentes.

6 Notas metodológicas

As técnicas etnográficas e das alternativas micro-historiográficas (MONTENEGRO, 1992; REVEL, 1998) são importantes para contextualizar o trabalho que é feito neste artigo com o material construído a partir das memórias e das visitas em campo.

O material é construído e não analisado (SILVA, 2009), ou apresentado como se tratasse de achados (BOUMARD, 1999; BECKER, 1997), e deve ficar claro ao leitor que foi produzido a partir da opção por esposar a perspectiva dos falantes. Interessa ao presente trabalho mostrar o lixo, desocultar o manejo inadequado de resíduos por parte de agentes estranhos. Mas a responsabilidade existe, e aqui se preferiu documentar modestamente o ponto de vista das pessoas, da comunidade atingida pelo depósito de resíduos do vizinho

que, eventualmente, ainda nem percebeu o que fez. Ou que percebeu, mas o fez assim mesmo. As pessoas foram interrogadas de forma discreta, o que significa que falaram livremente a partir de perguntas que incentivavam a sua manifestação. Foram entrevistadas pessoas com diferentes níveis de escolaridade, idades e sexo que viveram realidades e épocas distintas que demonstram suas concepções em relação aos resíduos sólidos.

Entre os Terenas que vivem na comunidade visitada, encontram-se representados, e a seguir se mencionam diferentes grupos: Alguns são agentes de saúde; há um grupo, já abordado mais acima, de mulheres; outro de jovens, crianças, lideranças, e representantes dos homens.

7 Alguns Resultados

Os índios Terenas que trabalham como agentes de saúde constroem contatos com a cultura não indígena que incentiva a segurança dos alimentos e dos resíduos, encapsulada sob o tema da sustentabilidade. Relatam que não têm como viver sem o lixo, pois este é comprado com o alimento e trazido para casa, causando mal-estar, mau cheiro e periculosidade devido aos produtos químicos que o compõem, podendo causar infecção. Já o lixo da aldeia transforma-se em matéria orgânica para o solo. As sobras dos alimentos são destinadas para a alimentação de animais. Em relação ao lixo hospitalar, os agentes de saúde indígenas são bem orientados quanto ao seu manejo correto, sendo que este é separado e recolhido pelas pessoas de fora da comunidade.

As mulheres reportam o fato de que seus ancestrais produziam todo seu alimento, o que significava que a maior parte do lixo constituía-se de cascas e sementes, carcaças e outros pedaços de elementos não consumidos que eram de fácil absorção pelo solo. A partir da década de 1980, a maioria dos indígenas teve que passar a comprar comida, ocasionando o surgimento do lixo e seu aumento gradativo. O lixo da aldeia é diferente do da cidade devido ao estilo de vida e aos hábitos alimentares, uma vez que parte de seus alimentos são produzidos na roça.

Relatam o surgimento de moscas, havendo o entendimento de que o lixo pode causar doenças como a anemia. Diante disso, estão tendo dificuldade em viver nesse novo tempo, pois antigamente seus parentes não morriam de doenças com tanta frequência, como hoje. Ao estudar com os brancos, descobriram que existem muitas doenças relacionadas ao lixo, e precisam buscar uma alternativa para esse problema.

Para os jovens, sempre existiu lixo jogado na aldeia e entendem que este é idêntico ao lixo da cidade. Na atual situação, acham que prejudica o solo

e, se for queimado, polui o ar. Além disso, o lixo é perigoso e pode causar doenças aos humanos, não sabendo especificar o tipo de doença. A coleta do lixo é necessária e não significa o seu fim, mas um destino correto, destacando que não tem como viver sem ele, já que tudo o que não tem utilidade é jogado fora. Embora a situação seja preocupante, a quantidade, aos poucos, está diminuindo devido à conscientização na escola e nas reuniões da comunidade.

Os homens mencionam que sempre existiu lixo na comunidade, porém suas características eram outras. As cascas de mandioca e milho eram utilizadas na alimentação de seus animais, ou então, retiradas dos pátios de casa para não ficarem jogadas no meio das pessoas. Atualmente, ao irem para a cidade comprar alimento, levam para casa enlatados, sacolas plásticas e garrafas, coisas que não existiam na aldeia. Na comunidade, não tem como reutilizar o lixo, embora utilizem ossos de animais para fazer artigos e produtos de sua cultura. O lixo da aldeia é muito semelhante ao lixo da cidade porque ele chega até a comunidade por meio do alimento que é comprado. Acreditam que esse lixo atrai moscas e pode causar doenças, mas desconhecem o tipo específico.

Foram entrevistadas três crianças com aproximadamente sete anos de idade, as quais citaram como lixo as latas, mato, embalagens de balas e embalagens (“cascas”) de chicletes. Para uma criança que está no primeiro ano do ensino fundamental, foi solicitado que desenhasse o que é lixo na sua concepção. Seu primeiro desenho foi um lixeiro devidamente identificando com a palavra “lixo”. Nos demais, explicitou sua consciência em relação ao desperdício da água, contaminação dos rios, a diversidade de peixes e a preservação das matas ciliares. Para finalizar sua obra, desenhou um índio devidamente vestido de acordo com a sua cultura, com arco e flecha apontando para um animal. Ao lado de cada desenho, a criança escreveu frases na língua portuguesa e terena alertando para a preservação da fauna, flora e do ecossistema.

Os escolarizados com nível superior enfatizam que, no passado, além de produzir seu próprio alimento, o que sobrava era comercializado em Campo Grande, Miranda e Corumbá. Com a nova organização social dos consumidores, após a utilização dos produtos, as embalagens são jogadas fora e gradativamente a quantidade de lixo tem aumentado. Em outras épocas, as embalagens eram guardadas para a próxima compra, isso gerava menos lixo. Nesse aspecto, o lixo atual da aldeia é muito semelhante ao lixo da cidade devido aos enlatados, plásticos e garrafas, os quais não se sabe quanto tempo demora para se decompor na natureza.

A aldeia possui duas escolas com aproximadamente mil alunos, e o lixo gerado não recebe tratamento adequado. Este é juntado e queimado, e o que

sobra da queima fica à mercê da chuva e do vento para serem levados. Há cerca de quatro anos, a escola buscou assessoria junto aos órgãos municipais quanto ao manuseio correto e coleta, além de uma educação para a comunidade, pois apenas a coleta não resolve.

O açude localizado no centro da aldeia que, em outras épocas, era o local para o banho e lazer, está poluído. Hoje, está abandonado porque não tem um tratamento para cuidar da questão ambiental. A prefeitura fez a abertura de uma vala para retirar a água das chuvas do centro da aldeia, e o lixo é levado até o açude que corre o risco de desaparecer. De acordo com os médicos do município, uma epidemia de dengue ocorrida na aldeia estava relacionada com o acúmulo de lixo.

Por meio de projetos de fora da aldeia, os mesmos indígenas afirmam ter conhecimento de que o lixo pode ser reaproveitado e gerar renda, o que poderia estar sendo pensado para a comunidade e empregando algumas pessoas na separação do lixo. Relatam ainda que, aproximadamente a quatro km da aldeia, está localizado o lixão municipal, motivo de revolta com a situação que causa mau cheiro e contamina a água. Indagam sobre o fato de que "...o lixo que vem lá da cidade é jogado próximo da aldeia e que a força dos poderes públicos é mais forte que os direitos dos índios...".

Cabe relatar que, numa visita à aldeia, os pesquisadores presenciaram alguns índios no lixão selecionando lixo. Destacam que a iniciativa para solucionar esses problemas deve partir da própria comunidade, para gerar pressão sobre os órgãos públicos que, de per si, não têm tradição de olhar para a aldeia.

Para as lideranças comunitárias, o lixo não é da cultura do índio. Em seu discurso, a natureza fornecia feijão, banana, laranja, mandioca, batata, abacaxi, quiabo, milho - entre outros tipos de alimentos, e esse problema não existia. Diferentemente do lixo da cidade, o lixo original da aldeia pode ser reaproveitado, pois a erva-mate, após o uso, pode virar adubo para as plantas. Ou ainda, quando vão carpir, deixam as ervas ou mato depositados no solo para dar força para as plantas. Destacam que os índios não vivem sem a terra para produzir seu alimento.

Na atual situação, os indígenas não conseguem viver sem o lixo. Entendem que, ao comprar o alimento, este também lhe é vendido para depois ficar jogado no pátio das casas. O ideal é recolher o lixo como ocorre na cidade para possibilitar melhores condições de higiene, evitar riscos de contaminações e mesmo evitar a própria dengue. A falta de saneamento é outro problema da aldeia, onde as privadas são feitas em um buraco no solo, uma fossa negra.

Os anciões contam que o cultivo da terra para a produção de alimentos era feito por meio da união dos companheiros com a ajuda do cavalo. Poucos

produtos eram comprados, sendo que estes eram adquiridos em sacos grandes e não se acumulavam embalagens. Além da caça e da pesca, produziam mel de abelha e tomavam chá, não tomavam café, por isso os antigos eram saudáveis. Quando os jovens começaram estudar, perderam seus companheiros de trabalho na roça. Contudo, se tivessem parceiros para o trabalho, seria possível voltar a produzir seu próprio alimento.

Consideram muito importante a realização desta pesquisa na comunidade, mencionando que os índios devem receber com as duas mãos os brancos (porutuyes na língua Terena) que visitam a aldeia, “...nesse trabalho que eu vejo hoje aqui, nós temos que ajudar esses dois porutuyes, isso ajuda nós e eles...”. Devido à necessidade de sobrevivência, quando os filhos dos indígenas forem para a cidade estudar, terão que se adaptar e viver em harmonia com os povos não índios.

Quanto ao lixo da cidade, mencionam a grande poluição do ar pelo uso de automóveis e avião, botijão de gás e muitos tipos de embalagens. O lixo da aldeia é composto pela fumaça, algumas garrafas pet, enlatados, embalagens plásticas, e aos poucos, o ar começa a ser poluído por carros e motos adquiridos pelos índios. O ideal seria haver a coleta do lixo, pois, na atual situação, jogado nos quintais das casas, pode causar doenças.

No entanto relatam uma grande mudança nas características do lixo existente na comunidade ao longo do tempo. Lembram que, na época de seus antepassados e quando eram crianças, o lixo, na língua Terena, era conhecido como “*ho’komóry*” e designava restos vegetais, como folhas, gravetos, restos de galhos entre outros. Numa fase seguinte da história da etnia, “*sipu’haity*” passou a significar o lixo, então composto por sobras ou restos de produtos alimentícios como cascas de mandioca, palha de milho, frutas etc. Atualmente, o lixo industrializado existente na aldeia é denominado “*lixu*”. Nota-se, portanto, que houve uma evolução no conceito de lixo na aldeia à medida que este foi modificando suas características até o momento atual, o qual é composto basicamente por produtos industrializados vindos da sociedade capitalista.

De um modo geral, todos os entrevistados mencionaram como os principais tipos de lixo as garrafas pet, pneus, latas de alimentos, fraldas, alguns brinquedos e bicicletas velhas. Conforme recomendações vindas de fora da aldeia, o lixo é queimado ou enterrado. Havendo a coleta, entendem haver possibilidades de ganhos ambientais. No entanto algo é reaproveitado no cotidiano das pessoas. Além das embalagens plásticas, reaproveitam as garrafas pet para congelar água para o tereré ou plantio de flores e outras formas de embelezamento do ambiente do lar.

Ainda, foram unânimes em afirmar que os métodos tradicionais de produção de alimento sofreram alterações com a diminuição das quantidades

de terra dos indígenas, afetando diretamente seu estilo de vida. Os índios foram obrigados a viver como vivem os não índios e terão que se adequar a esse sistema. Em relação à escassez, foram buscar alimento na cidade porque hoje não tem mais caça e pesca, vivem espremidos.

8 Considerações finais

A escassez de alimentos é a principal causa da existência do lixo na comunidade, pois, ao adquirirem produtos alimentícios, automaticamente estão levando lixo para suas casas. Exceto os entrevistados com algum grau de escolaridade e com noções quanto às questões ambientais e o correto manuseio do lixo, todos os demais disseram que há diferença entre o lixo da comunidade indígena e da cidade. Em relação ao reaproveitamento, acreditam que o lixo pode ser reaproveitado de alguma maneira, mas não têm ideia de como pode ocorrer, tampouco inserir-se em uma nova cadeia produtiva. Nesse sentido, mencionam a coleta do lixo como uma alternativa necessária para lhe dar um destino correto.

A relação do lixo com doenças é percebida pelos indígenas, embora tenham poucas informações sobre os tipos de doenças e a gravidade do problema. Como não possuem um local específico e adequado para colocar o lixo, agem de acordo com as recomendações recebidas de fora da aldeia, ou seja, queimam o lixo no fundo de seus quintais ou o colocam em fossas cavadas na terra.

Há uma insatisfação geral quanto ao lixão municipal que está localizado a uma distância aproximada de quatro quilômetros da aldeia, em uma área reconhecida antropológicamente como Terra Indígena. Na sua visão, estão recebendo um lixo que não produziram. Alguns indígenas frequentam diariamente o “lixão municipal” para encontrar alternativas de sobrevivência. Em nenhum momento, o lixo foi citado como algo gerado ou produzido por eles, já que lhe é vendido junto com o alimento.

Referências

ALBUQUERQUE, Paulo Peixoto de; STRAUCH, Manuel (Org.). *Resíduos: como lidar com os recursos naturais*. São Leopoldo: Oikos, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. 258p.

BECKER, Howard S. *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

BITTENCOURT, Circe Maria; LADEIRA, Maria Elisa. *A história do povo Terena*. Brasília: MEC, 2000.

BOUMARD, P. O lugar da etnografia nas epistemologias construtivistas. *PSI – Revista de Psicologia Social e Institucional*, Londrina, PR, v. 1, n. 22, nov. 1999. Disponível em: <<http://www2.ccb/psicologia/revista/texto1v1n22.htm>>. Acesso em: 28 ago. 2013.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFUGUEL, Ramón (Ed.). *El giro decolonial*. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007.

ELIZALDE, Antonio. Desarrollo a escala humana: conceptos y experiencias. *Interações – Revista Internacional de Desenvolvimento Local*, Campo Grande, MS, v. 1, n. 1, p. 51-62, set. 2000.

ESCOBAR, Arturo. *La invención del Tercer Mundo: construcción y desconstrucción del desarrollo*. Caracas, Venezuela: [s.n.], 2007.

GARBOSSA, Luis Hamilton Pospissil. *Gestão de resíduos: sólidos, líquidos e atmosféricos*. Indaial, SC: GRUPO UNIASSELVI/Centro Universitário Leonardo da Vinci, 2010

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. *Minidicionário da Língua Portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. *Censo 2010*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 2 set. 2013

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL - ISA. 2010. Disponível em: <<http://www.socioambiental.org/>>. Acesso em: 2 set. 2013.

LEWIN, C. T.; SHORT, C. *A Latin Dictionary*. [s.d.]. Disponível em: <<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.04.0059>>. Acesso em: 28 ago. 2013.

MANSUR, Gilson Leite. *Gestão integrada de resíduos sólidos*. Campo Grande: UCDB, 2004.

MIGNOLO, Walter D. Espacios geograficos y localizaciones epistemologicas: la ratio entre la localización geográfica y la subalternización de conocimientos. *Geographia*, ano 7, n. 13, 2005. Disponível em: <<http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/177/169>>. Acesso em: 1º out. 2013.

MONTENEGRO, Antonio Torres. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. São Paulo: Contexto, 1992.

QUIJANO, Anibal. Qué tal raza! *Agencia Latinoamericana de Información*, Quito, Ecuador, 2000. Disponível em: <<http://alainet.org/active/929>>. Acesso em: 29 set. 2013.

_____. Descolonianildad del poder: el horizonte alternativo. *Observatório Latinoamericano de Geopolítica*, Lima, Peru, Outubro 24 del 2007. Disponível em: <<http://www.geopolitica.ws/article/descolonialidad-del-poder-el-horizonte-alternativo/>>. Acesso em: 28 set. 2013.

REVEL, Jacques (Org.). *Jogos de escalas: a experiência da micro análise*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

SILVA, Hélio R. S. A situação etnográfica: andar e ver. *Horiz. antropol.*, Porto Alegre, RS, v. 15, n. 32, jul./dez. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832009000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 28 ago. 2013.

SOLER, Juan Carlos Vargas. La perspectiva decolonial y sus posibles contribuciones a la construcción de outra economia. *Otra Economía*, v. 3, n. 4, 1º semestre 2009. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/otraeconomia/article/view/1124>>. Acesso em: 28 set. 2013.

SOMMER, José Constantino. *Gestão ambiental*. Indaial, SC: UNIASSELVI, 2011.

WALSH, Catherine. Interculturalidad, plurinacionalidad y descolonialidade. Las insurgências politico-epistêmicas de refundar el Estado. *Tabula Rasa*, Bogotá, Colômbia, n. 9, p. 131-152, jul./dic. 2008.

Recebido em 20 de setembro de 2014

Aprovado para publicação em 8 de junho de 2015